

## AS INFLUÊNCIAS DAS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS NAS PRÁTICAS DE ENSINO

Marcos Vinicius Ribeiro  
Errivaine Aparecida Ferreira Gomes

**RESUMO:** A vida é constituída de transformações e o ato de ensinar não difere dessa regra. Nesse contexto, esse artigo, a partir de perfis de práticas docentes nessa atual geração de ensino teve como objetivo identificar tendências pedagógicas embasadoras da docência que se têm praticado em um curso de formação de professores de Educação Física. Para isso, utilizou-se um relatório de observação de dois professores com práticas docentes divergentes, escolhidos aleatoriamente pelos discentes. Após as observações identificou-se por meio de análises comparativas em quais tendências as características pedagógicas ministradas nas aulas situavam-se, apontando os prós e contras, concluindo-se que nos dias atuais, o melhor perfil de prática docente a ser utilizado é aquele que respeita e propõe vivências protagonizadoras nas situações de aprendizagem.

**Palavras-chave:** professor. práticas pedagógicas. tendências pedagógicas.

### INTRODUÇÃO

De acordo com alguns registros citados no artigo "A influência das ideias pedagógicas nas abordagens da Educação Física" dos autores Castro, Silva Junior e Souza, (2008), a educação está entre nós desde tempos antigos. Para comprovar, alguns indícios de formas similares de elementos de instrução e aprendizagem foram localizados. Conforme Libâneo (1994) na antiguidade clássica (gregos e romanos) e no período medieval também foram encontrados indícios de ações pedagógicas, em determinados locais. Contudo, apesar desses registros, a formação da teoria didática para adentrar em uma investigação mais profunda sobre as ligações entre ensino e aprendizagem e suas leis ocorre somente no século XVII, quando Comenius, um pastor protestante, revoluciona a arte de ensinar, produzindo a primeira obra voltada para esse tema, a Didática Magna, que nada mais é do que a difusão dos conhecimentos, a universalização dos estudos. (LIBÂNEO, 1994).

Os discentes mais antigos dialogam entre si: "prefiro essa educadora, pois ela possui didática". Os mais novos têm o costume de dizer que com tal professora eles aprendem mais. O que provavelmente os alunos pretendem dizer é que os docentes citados encontraram a melhor forma de ministrarem suas aulas. Nesse contexto, questiona-se: a didática pode influenciar no rendimento escolar? O que um docente necessita dominar da didática para melhorar o domínio do conteúdo a se trabalhar e sua prática docente? É

provado que em sua maioria os educadores têm como principal objetivo a aprendizagem de seus alunos. Um fato é que por mais fragilidades que o profissional da educação tenha, quando entra em seu ambiente de trabalho, tem a consciência da responsabilidade que carrega. Apesar disso, ele será capaz de formular ideias para uma boa qualidade no ensino, fazendo com que os discentes compreendam melhor? Existem inúmeros “estilos” de docentes.

Os tradicionalistas se dão por satisfeitos em proporcionar aos alunos simplesmente a matéria que está prevista nos programas, apostilas ou livros didáticos. Sua prática docente é sempre a mesma, a estratégia de ensino é semelhante para todos os conteúdos, independentemente do perfil de cada aluno, seja por características individuais ou coletivas, não considera o aspecto socioeconômico ou cultural de seus alunos. É provável, que raramente, essa estratégia de ensino, ou seja, de aplicar o conteúdo, dar exercícios e posteriormente cobrar na prova dê algum resultado positivo, porém, o fato mais corriqueiro, é o discente memorizar o que o docente fala, decorar o conteúdo, automatizar fórmulas, etc. e em sua maioria fracassar, pois está embasado em procedimentos mecânicos. Certo é que concebe-se o discente com aprendizagem adequada aquele que consegue desenvolver o raciocínio, que consegue comparar e relacionar vários métodos, que sabe projetar o conhecimento adquirido em novas situações ou situações opostas, tanto no âmbito escolar quanto fora dele, que sabe expor uma ideia com seu próprio ponto de vista.

Em contraposição a esse perfil tem os professores denominados progressistas. Estes apresentam em suas aulas diversidades nas estratégias de ensino e nos métodos. Esses docentes dão maior atenção as diversidades presentes em sala de aula, costumam fazer trabalhos em grupos na classe, ou estudo dirigido, o diálogo está presente de modo mais ativo, são mais carismáticos e compreensivos no relacionamento com os discentes. Essa concepção de trabalho didático é bem mais elaborada que a tradicionalista. No entanto, pode-se observar que, geralmente, esses docentes continuam vinculados a um método tradicional de aprendizagem: no momento de exigir os resultados no processo de ensino acabam utilizando de práticas vinculadas ao decorar, a repetição sistemática de formas e definições etc.

Diante dessa realidade, e na busca de identificar tendências pedagógicas embasadoras da docência que se têm praticado em um curso de formação de professores de Educação Física promoveu-se esse estudo.

Em uma aula na disciplina de Didática do curso de habilitação em Educação Física, do Centro Universitário de Jales – UNIJALES, no município de Jales, Estado de São Paulo. A professora propôs aos alunos a leitura do texto “A aula como espaço-tempo coletivo de formulação de saberes”, elaborado pelos pesquisadores “Isabel Sabina de Freitas e outros”, em seguida, por intermédio de um roteiro de observação estruturado, com perguntas abertas. Selecionou-se aleatoriamente os professores que ministravam aulas no curso supracitado, tornando-os sujeitos da pesquisa. A proposta inicial é que escolhessem dois professores com práticas divergentes de ensino do curso que estavam e observassem seus procedimentos didáticos.

As análises e discussões sobre o assunto estiveram alicerçadas nas instruções do roteiro traçado no questionário de observação, para isso alicerçou-se em bibliografias que abordam a temática, articulando e comparando as duas práticas docentes. Pontuando as principais características de cada uma para melhor compreensão dos perfis. Outro critério estipulado anteriormente era o de que os professores teriam praticas que viessem de encontro com as tendências tradicionalista e progressista, que ministrassem aulas ao pesquisador permitindo, dessa maneira, comparações entre as metodologias, abordagens e tendências defendidas pelos mesmos em seu âmbito de atuação docente.

A concepção de professor tradicionalista, segundo Paulo Freire (1982), é aquela que proporciona uma educação bancária, está fundamentada em uma prática narradora, sem diálogo, com transmissão e avaliação de conhecimentos numa relação vertical – o saber é fornecido de cima para baixo, é autoritária, pois manda quem sabe. O método dessa concepção é a opressão, o antidiálogo, o discente apenas recebe, memoriza e repete.

Essa tendência ou corrente educacional assume como um de seus principais objetivos a missão de transmitir ao aluno determinadas matérias de estudo: Matemática, História, Geografia, Língua Portuguesa, Ciências Naturais, etc. Essas matérias têm como conteúdo os saberes e valores estabelecidos pelas autoridades educacionais, tendo como fonte o acervo de conhecimentos incorporados na cultura dominante. Partindo da

ideia de que existe um modelo ideal de ser humano caracterizado por determinadas virtudes intelectuais, físicas e morais, para a pedagogia tradicional, o objetivo da educação é inculcar nos alunos conhecimentos, hábitos e valores compatíveis com esse “modelo de homem ideal”.

O centro desta pedagogia é o professor, cuja função consiste em transmitir as matérias de estudo conforme um programa de ensino previsto para cada ano letivo. O relacionamento na sala de aula é marcado pelo autoritarismo do professor que impõe rígida disciplina aos alunos, exigindo-lhes um silêncio receptivo das lições ministradas, colocando-se como um ser maduro, detentor do saber, lidando com seres imaturos, ignorantes e arredios. O conteúdo das matérias de estudo é apresentado, de modo geral, como sendo verdades eternas. O bom aluno é aquele que assimila totalmente o conteúdo ensinado. Essa forma de relacionamento hierárquico e autoritário entre professor e alunos gera aquilo que Paulo Freire (2003, p. 38) denominou de concepção bancária da educação: “O educando recebe passivamente os conhecimentos que se deposita. Mas o curioso é que o arquivado é o próprio homem, que perde assim seu poder de criar, se faz menos homem, é uma peça. O destino do homem deve ser criar e transformar o mundo, sendo o sujeito de sua ação”.

O principal método de ensino utilizado nessa concepção consiste na exposição ou demonstração da matéria pelo professor. Os instrumentos básicos utilizados são o quadro-negro, o giz e o livro didático. A avaliação da aprendizagem realiza-se através de “temas para casa” e “provas escritas ou orais” os quais o professor atribui “notas”. Os alunos lutam para serem “aprovados” pelo professor, “tirando a nota” necessária para “passarem de ano”. Isso se consegue retendo e reproduzindo as lições que o professor ministra (COTRIM, 1987, p. 39). A pedagogia tradicional tem ampla e profunda penetração na prática escolar brasileira, embora não seja oficialmente assumida pelos professores. Isso se dá tanto nas escolas públicas como nas escolas particulares. Ao longo de toda a história da Educação Brasileira, a pedagogia tradicional dominou durante um período de aproximadamente quatro séculos. Deixou, portanto, raízes profundas. E ainda se faz viva e atuante nos meios educacionais e acadêmicos.

A pedagogia tradicional concebe como objetivo final da educação adaptar os indivíduos à sociedade em que vivem. Não é a sociedade que deve moldar-se aos indivíduos, mas estes é que devem curvar-se à sociedade. Assim, os conhecimentos, as normas e os valores oriundos da sociedade devem ser transmitidos aos indivíduos para

serem, simplesmente, assimilados. Sem questionamento. O conteúdo transmitido pelo ensino tem um caráter de imposição. Para adaptar o indivíduo à sociedade, a pedagogia tradicional acaba cultivando no educando uma atitude de mera receptividade diante do saber instituído. Isso provoca consequências mais amplas como a criação de atitudes baseadas no acomodamento, na submissão e no conformismo perante os poderes estabelecidos. O indivíduo educado é, então, aquele que sabe enquadrar-se no esquema social a ponto de assumir "naturalmente" o comportamento padrão que dele se espera. "Educar-se significa mais do que nunca aprender a se controlar e ser controlado." Cada pessoa, em grande medida, deixa de ser ela mesma para ser somente aquilo que o modelo social dominante pretende que ela seja. A rebeldia, a transgressão e a irreverência sociais são vícios dos mais detestáveis. Nesta perspectiva pedagógica, o processo educacional "não passaria de um mecanismo que ajusta os indivíduos à ordem social vigente, pela transmissão de um saber definido pelo poder político estabelecido" (COTRIM, 1987, p. 63).

Para exemplificar e, assim, se caracterizar esse modelo pedagógico é só entrar em uma sala de aula: dificilmente se engana. O que se observará? Um docente que observa seus alunos entrarem na sala, espera que os mesmos sentem-se, que fiquem quietos e façam silêncio. As carteiras estarão na devida ordem e suficientemente afastadas uma das outras para evitar conversas paralelas entre os discentes. Se o silêncio e a quietude não se fizerem presente logo, o professor gritará com um aluno, blasfemarà outra aluna, até que sua palavra seja um monopólio. Quando isso acontecer a aula irá começar, a aula decorre da seguinte maneira: o professor fala e o aluno escuta, o professor dita e o aluno copia, o docente decide e o aluno executa.. O professor ensina e o aluno aprende. Se alguém observasse uma sala de aula na década de 1960 ou de 1950, ou, quem sabe, de dois séculos atrás, diria, provavelmente, a mesma coisa: falaria como Paulo Freire (apud COTRIM, 1987, p. 294-295): "O aluno é tratado como mero depósito de conhecimentos lançados pelo professor; educa-se para se arquivar o que se deposita [...]". Nesta visão bancária da educação, os homens são vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Sujeitos ativos, críticos e participativos como a maioria das propostas pedagógicas embasadoras dos projetos

políticos pedagógicos, planos de gestão ou planos diretores das organizações escolares instituem.

Por que motivo o professor age dessa maneira? Muitos dirão, porque lhe foi ensinado dessa maneira. Parece óbvio, mas não o suficiente. Provavelmente seja porque o professor acredite que o conhecimento pode ser transmitido para o aluno (o mito da transmissão de conhecimento) – do conhecimento enquanto forma ou estrutura, não só enquanto conteúdo. O docente considera que seu discente é uma tabula rasa, não somente, quando ele nasceu, como ser humano, mas frente a cada novo conteúdo estocado na sua grade curricular, ou nas gavetas de sua disciplina. A atitude se conhece. O alfabetizador considera que seu aluno nada sabe em termos de leitura e escrita e que ele tem que ensinar tudo.

Esse perfil, apesar de não ser uma prática criticada agora, mas de um longo tempo, encontra-se presente na maioria das instituições educativas, ainda nos dias atuais. Após as observações iniciais propostas nesse estudo constatou-se que um docente se encaixa nesse perfil. O mesmo considera ser o único detentor do saber, sua prática docente é monótona, porém é inquestionável seu conhecimento sobre a disciplina que ministra suas aulas. Nelas, este professor, não busca interação com seus alunos, teoricamente os discentes são verdadeiras tabuas rasas, sendo assim impossível transmitirem algum conhecimento a ele, portanto a relação aluno – professor é inexistente.

Sua prática se assemelha a um monólogo, onde o docente é o centro das atenções, as aulas são geralmente ditadas, evidenciando assim, a realidade recebe/memoriza/repete.

Em contrapartida, na tendência pedagógica do professor progressista irá se observar um perfil que exige do professor coragem, confiança em si mesmo e em seu trabalho, respeito mútuo a si e aos outros, o que não significa acomodação ou covardia. O professor detentor de um dos atributos instituído por Freire (2003) para ser um bom profissional, tem como qualidade a humildade, compreende que ninguém sabe tudo, como também ninguém ignora tudo. Não há como conciliar a “adesão ao sonho da democracia, a superação de preconceitos com a postura humilde, arrogante, na qual nos sentimos cheios de nós mesmos” (FREIRE, 2003, p. 56).

Freire (2003) afirma que o bom senso é um dos auxiliares fundamentais ao professor, pois acaba advertindo o docente quando está perto de ultrapassar os limites de seu papel formador e os quais ele se perde. A arrogância e a empáfia não podem ser conciliadas à mansidão e à humildade. Para o autor, "uma das vertentes da humildade é a segurança insegura, a certeza incerta e a não certeza em demasia a cerca de si próprio" (FREIRE, 2003, p. 56).

Algumas qualidades são essenciais neste perfil de prática docente, tais como: amorosidade, coragem, tolerância, decisão, segurança, tensão e o equilíbrio necessário entre paciência e impaciência, pois o professor não pode ser passivo demais mediante seus alunos e também a impaciência deve ser controlada perante os mesmos. O professor não deve esconder seus medos, mas não pode deixar que eles o influencie.

Para Freire (2003),

decisão, segurança, tensão entre paciência e impaciência e a alegria de viver são qualidades que estão agrupadas e articuladas entre si. A capacidade de decidir do professor é imprescindível para seu trabalho educativo. Se ele não for capaz de fazer decisões, os alunos podem entender essa deficiência como fraqueza moral ou incompetência profissional.

Hoje, espera-se do professor o preparo teórico-prático para que o mesmo seja capaz de superar a fragmentação entre os domínios do conhecimento, para que ele alcance uma visão interdisciplinar.

Algumas exigências, tais como: conhecer estratégias do ensinar a pensar, ensinar a aprender a aprender; pode-se aprender a aprender de muitas maneiras, inclusive mediante o ensino. (LIBÂNEO, 1998, p. 30-31).

Segundo Leite (2006), "[...] aproveitar a riqueza de recursos externos para orientar as discussões, preencher as lacunas do que não foi aprendido e ensinar os alunos a estabelecer distâncias críticas com o que é vinculado pelos meios de comunicação".

O docente o qual analisamos o perfil em um cunho atual deixa claro que está amparado nessa tendência pedagógica, inicia sua aula interagindo com os discentes, buscando uma maior aproximação com os mesmos, seu leque de táticas pedagógicas é extenso, pois a cada dia inova a forma de transmitir conhecimentos, busca o diálogo, algo que é fundamental e de suma importância nessa abordagem, a troca de informações entre professor-aluno

é constante, fazendo assim com que os discentes tornem-se ativos em suas aulas.

Nos momentos em que os conflitos surgem, por meio da mediação proporciona a seus educandos reflexões sobre seus atos e de quanto é importante utilizar-se do bom senso para resolução dos problemas; incentiva seus alunos a pensarem sua formação, propõe momentos para que eles questionem os temas abordados em suas aulas e problematiza com seus discentes os contextos dos mesmos e as intencionalidades existentes em cada ato educativo realizado por ele.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após o estudo realizado concluiu-se que a observação de práticas docentes serviram para aproximar e estreitar a relação aluno-professor, o perfil progressista deixa esta característica em evidência e que toda a ação educativa necessita ter uma fundamentação baseada em uma concepção teórica que a direcione; por isso, a prática pedagógica de qualquer professor, deve ser articulada.

Hoje, diante de tantas transformações sociais, econômicas, políticas e culturais não se pode mais admitir práticas educativas que somente o professor é ativo na relação. Os trabalhos pedagógicos devem ser repensados para uma melhor compreensão daqueles que estão recebendo sua primeira formação profissional. Precisa-se romper com essa postura reprodutora e alienante que existe em práticas despolitizadas e inculcadoras que impera no cotidiano educativo e isso não será possível enquanto existirem professores formadores de futuros professores com essas práticas alienantes e autoritárias.

Essa não é uma conclusão inovadora, mas ainda se faz necessário abordá-la acredita-se, pois mesmo diante de tanta modernidade, encontra-se no meio do universo formativo de professores, profissionais que em virtude das mais diferentes concepções perpetuadores de práticas tradicionalistas. Isso engessa e reprime a expressividade humana. Daí a necessidade de se orientar

discussões e análises de práticas educativas, uma vez que essa prática possibilita aos futuros professores.

No âmbito escolar o docente que busca algo mais em seu trabalho sabe que deve traçar estratégias que abranjam os dois perfis de ensino, tanto o tradicional quanto o progressista, pois a combinação dos mesmos acaba sendo o essencial para a aprendizagem atual.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. *Revista Paixão de Aprender*, Porto Alegre: SMED, n.5, p.18-23, out. 1993.

COTRIM, Gilberto. *Educação para uma Escola Democrática: História e Filosofia da Educação*. São Paulo, SP: Saraiva, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Educação e Mudança*. 27. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2003.

LEITE, A. da S. L. O Processo de alfabetização escolar: revendo algumas questões.

*Perspectiva*, Florianópolis, V.24, Nº 2, p.449-474, Jul./dez, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. 13. ed. São Paulo, SP: Cortez, 1994.